

Por um conceito de romanidade no poema de Digenis Akritas: Estudos das versões Escorial e Grotaferrata.

João Vicente de Medeiros Publio Dias¹

Inicialmente, na época da Roma Republicana, o conceito de romanidade era limitado à legislação, que oferecia a cidadania romana conforme a origem da pessoa. Porém com o fim da república e a expansão romana, o centro do mundo romano se torna o imperador. Sobre isso, Evelyne Patlagean diz:

“Él es la cabeza Del ejercito y del aparato administrativo, además la fuente de la legislación, a través de los juristas.(...)Elaborada a partir de Augusto sobre teorías griegas y modelos orientales, ya instituida en realidad por Sila e César, enriquecida por las ideias estoicas y complementada de manera decisiva en siglo IV por la cristianización. El emperador encarna en todo momento la salvación presente y futura del Imperio y, por tanto, del orden universal, ya que el Imperio es considerado, legítimamente, el imperio del mundo. Es portador, en consecuencia, de la victoria militar. Preside los concilios de la iglesia y castiga como crímenes las faltas a la ortodoxia o a las normas que ésta define: el orden imperial es, en efecto, desde Constantino, un orden cristiano. Es la fuente de la ley, elaborada por su círculo de legistas(...). En una palabra, el emperador es el símbolo viviente del sistema que ordena el mundo. Marfiles, medallones, monedas y estatuas difunden su imagen, concebida a partir de un repertorio antiguo, inspirado en parte en el vecino persa y enriquecido finalmente por la cristianización²”

Também é interessante observar que se manteve a tradição romana de legitimação de ações tirânicas, pois uma deposição de um imperador por outro, significava que o deposto perdera a graça divina e esta recaíra sobre o vencedor. Vemos isso na carta em que a Imperatriz Irene manda para o seu sucessor Nicéforo I, quando este a tira do poder em 802, ela diz:

“Es Dios, ciertamente, quien ha me elevado al trono, y atribuyo mi caída solamente a mis pecados.(...) Atribuio a Dios tu elevación al Império. (...) Es por Dios que reinan los emperadores. Te considero, pues, como el elegido por Dios, e me inclino delante tuyo como delante un emperador.”³

Vemos ai como a idéia da providência divina, escolhendo e abandonando imperadores, é clara na mentalidade bizantina. Fazendo das deposições um tipo de sucessão tão legítima quanto a sucessão dinástica ou a adoção. Igualmente é possível observar, nesse ponto, a relação muito próxima que há entre os Imperadores e o divino, e este é o principal ponto que legitima o poder imperial bizantino, pois o Imperador reinava no Império cristão como Deus reinava no “Reino dos Céus”, e esta conexão era muito forte no imaginário do bizantino comum. Tão forte que, além do imperador, tudo que o cercava tomou ares de sagrado, suas roupas, seus objetos e seu palácio.⁴

Durante o processo de crise do Império Romano, o “elemento latino” perde espaço para outras culturas e etnias que foram absorvidas em seu processo de expansão. Transformação que criará uma das características mais marcantes do Império Romano desde então: seu ecumenismo. Essa universalidade que unirá uma grande gama de povos em uma só pátria, a romana.

Falar de pátria na Idade Média é quase sempre anacrônico, no entanto não o é no Império Bizantino. Os homens e mulheres de Bizâncio viam no Império sua pátria: a *Romania*. Termo que surgiu no século IV, de origem popular, servia para unir os habitantes do Império Bizantino que, apesar de sua variedade de origens étnicas e

¹ Aluno de Graduação de História

² PATLAGEAN, Evelyne. *Introducción a una Historia de Oriente* In: VARIOS AUTORES. *Historia de Bizancio*. Barcelona: Crítica. 2001. pp.16-17

³ MARIN e HERRERA, José e Héctor. *El Imperio Bizantino: Introducción Histórica y Selección de Documentos*. Santiago: LOM, 1998. p.49

⁴ MCCORNICK, Michael. *O Imperador*. In:CAVALLO, Guglielmo(organizador). *El hombre bizantino*. Lisboa: Alianza Editorial, 1998. pp.223-226.

culturais, se consideravam descendentes daqueles romanos que haviam fundado o Império, que haviam governado numerosas nações e, por isso, ascendendo acima dos reinos bárbaros.⁵

Conseqüentemente o termo “*Romania*” se oficializa no século V, pois começa a aparecer em documentos imperiais e eclesiás e nunca mais, até a queda de Constantinopla para os turcos, deixa de ser utilizado. E é nesse sentido que se dirige a Reforma Jurídica de Justiniano I, o feito mais durável de toda a enorme obra desse Imperador. A oficialização e, com isso, a legitimação dessa nova identidade romana. Uma identidade não mais presa a um povo, no sentido étnico-jurídico, como era na República, mas sim uma identidade ligada à ideologia. Agora ser romano significava ser integrante do povo de Deus. Liderado por um deles que foi escolhido por Deus para ascender-se dentre todos os mortais para um posto sacrossanto. Para lidera-los, defende-los, e se for preciso, puni-los. E essa pessoa escolhida era o Imperador Bizantino, ou o “*ek Theos Basileus Romeon*”⁶. Ou seja, mais uma vez citando Patlagean que diz, “*la unidad de la romanidad se manifiesta, pues, como la de una confesión*”⁷”

E essa transformação radical nas estruturas do Império, sua universalização baseada em sua cultura helenizada, na religião ortodoxa e na manutenção da herança romana, não foi algo que se desenvolveu isoladamente. Ao contrário, foi algo construído e duramente mantido.

O Governo Imperial foi o grande arquiteto da construção e da manutenção desse ecumenismo. Inicialmente reprimindo sublevações e se precavendo contra elas. Como na região balcânica, onde após as invasões eslavas os imperadores sempre tiveram muitas dificuldades em manter sua autoridade. Foram mais de três séculos de guerras, esporadicamente interrompidas por tréguas, para o Império Bizantino submeter o Canato Búlgaro. Para evitar casos como esses, onde predominâncias de uma população específica resultassem em reinos independentes, o governo imperial trouxe várias populações de diferentes regiões para península balcânica. Efeito dessa ação foi uma população local de enorme variedade⁸. Essa estratégia visava a não identificação das pessoas com unidades sociais regionais, e sim com a *Romania*.

Mas o que deu definitivamente o novo senso de unidade ao Império foi a ortodoxia cristã. Esta que se uniu com a ideologia do poder imperial romano citado anteriormente, resultando no modo específico que o bizantino comum via o mundo. Para ele o Império, a *Romania*, e o Imperador, o *Basileus*, eram representações terrenas do paraíso celeste onde Cristo era o imperador⁹. Portanto a salvação de sua alma (a razão existencial de um cristão) era o resultado de sua ortodoxia, o que significa literalmente “retidão” em grego, e de sua fidelidade ao *Basileus*. Assim podemos ver, que na *Romania*, fidelidade política e religiosa eram praticamente uma coisa só. De um modo geral vemos, considerando todos os pontos já tocados, a política e a religião no Império Bizantino fazem parte de uma fusão que dificilmente se separa.

Os apontamentos feitos até agora foram baseados em uma historiografia que, em sua maior parte, trabalha com fontes oficiais (documentos governamentais, eclesiásticos, jurídicos) e provindos de ambientes urbanos, principalmente de Constantinopla, a capital imperial.

Conseqüentemente surge a dúvida. Quanto às regiões rurais afastadas e os limites do Império? Como as pessoas dessas regiões percebiam sua identidade, sua romanidade?

É conhecido que nas regiões fronteiriças do Império com o mundo muçulmano, desde a criação do sistema de *themas* até a chegada dos turcos no século XI, se desenvolvem uma rede de sociabilidades e cultura que, como

⁵ BREHIER. Louis. *Op. Cit.* p.2

⁶ Significa “Em Deus, Imperador Romano”. Entre todos os títulos imperiais provavelmente o mais popular, aparece muitas vezes em moedas cunhadas entre os séculos IX-XI.

⁷ PATLAGEAN, Evelyne. *?Hacia uma nueva Bizancio?* In: VARIOS AUTORES. *Historia de Bizancio*. Barcelona: Critica. 2001. p.72

⁸ DIEHL, Charles. *Grandes problemas da história bizantina*. São Paulo: Ed. das Américas, 1961

⁹ Em várias moedas de bronze, as chamadas *folis* anônimas (pois não se diz nelas em que reino essas moedas foram cunhadas), cunhadas no Império Bizantino durante a segunda metade do século X e por quase todo século XI, continham a imagem de Cristo em uma face da moeda e na outra a inscrição “*Ihsus Xristus Basilei Basile*”. Que significa “Jesus Cristo, Imperador dos Imperadores”. Ilustrando a ligação que os bizantinos construíram entre o Império Romano e o Reino dos Céus.

Evelyne Patlagean denomina, “será um dos rostos de Bizâncio, como Constantinopla e a região de Tessalônica¹⁰”. Mundo, esse, surgido devido as características únicas de como essa região foi organizada, que encontrava-se dividido em pequenas circunscrições administrativas e militares chamadas *clisuras*¹¹, que tinham como objetivo de bloquear invasões árabes ao interior do Império. Esse sistema defensivo estava inserido na organização administrativa que vigorava no Império Bizantino desde o século VIII, a divisão do Império em *themas*. Os *themas* eram herdeiros das antigas províncias romanas, porém seu governador, o *strategos*, isto é, general, além de ter poder administrativo, tinha comando militar. Por isso cada *thema* tinha obrigação de sustentar um exército de tamanho que variava conforme sua extensão e riqueza. Esses exércitos eram compostos, em sua maioria, de pequenos fazendeiros que trocavam o direito de utilizar a terra por serviços militares e impostos. Por isso que os imperadores dos séculos de reconquistas militares bizantinas (séculos IX-XI) tinham sempre a preocupação em proteger a pequena propriedade, pois ela era a base do sistema fiscal e forças armadas.

Nesse período, em que o Império voltava a expandir suas fronteiras, as *clisuras* foram transformadas em *themas*. No entanto esses novos *themas* se diferenciavam dos mais antigos, pois esses eram denominados de “grandes *themas*”.¹²

Quem defendia as *clisuras* eram os *akritai*. Geralmente arregimentados nas próprias regiões, estes eram líderes tribais armênios, ou georgianos, ou sírios jacobitas. Essa opção pelos nativos para defender as fronteiras era explicada pelo fato de que a população grega na região era pequena, e os locais estavam muito mais familiarizados com a região que tinham que defender, do que um oficial importado para a tarefa. No entanto a distância entre as fronteiras e a capital era grande o que dava maior liberdade de ação a eles, mas poderia tornar a lealdade desses senhores fronteiriços potencialmente fraca.¹³

Esses *akritai* tinham como tarefa, além de defender as fronteiras, empreender ataques predatórios a territórios árabes. E para isso era usada uma tática que aparenta muito com a atual guerrilha. Os guerreiros, sorrateiramente, avançavam no território inimigo, com agentes avançados disfarçados. E a técnica de ataque era a surpresa, em que eles cercavam o alvo e os apanhavam desprevenidos.¹⁴

Essa vida aventureira que os *akritai* levavam, seu mundo, sua cultura, seus valores foi representado pela epopéia de um herói, fictício historicamente mas muito real enquanto os valores expressos. Basílio Digenis Akritas é o seu nome e sua saga começa antes de seu nascimento. Ele é o fruto do casamento entre um Emir árabe, convertido ao cristianismo por amor, com uma dama da família *Dukas*, uma linhagem nobre bizantina. Por isso o nome *Digenis*, que significa “duas origens” em grego. O herói cresce e tem uma vida cheia de peripécias na guerra e no amor. Combate dragões e bandidos da fronteira. No fim de sua vida, cansado de realizar façanhas, constrói uma magnífica morada na beira do Rio Eufrates e ali irá morrer, ainda jovem.

As versões mais antigas do poema estão em documentos dos séculos XIV e XV, mas os conceitos, as idéias, os objetos expressos nos poemas indicam que sua criação se fez em um longo período entre o século X-XII.¹⁵ Sua origem é obscura, mas os estudiosos sobre o assunto crêem que se trate dum estilo literário que até hoje existe na Grécia e Chipre, as *tragoudia*. Pequenos poemas que falam de feitos amorosos e guerreiros de heróis. Versos, esses, provavelmente compilados, no período histórico citado, por algum autor de origem provinciana e unidos em um enredo e um só personagem, Digenis Akritas. Os manuscritos mais antigos do poema são os de Grottaferrata (século XIV) e do Escorial (século XV)¹⁶, porém versões mais recentes do poema, do século XVII para frente, apresentam episódios novos, o que mostra como o poema é algo vivo.

¹⁰ PATLAGEAN, Evelyne. **Idem**. p.109.

¹¹ do grego “*kleisura*” que significa “passos montanhosos”. Nomenclatura devido as características montanhosas das regiões orientais da Anatólia, onde situava os limites entre o Império e o Califado.

¹² PATLAGEAN, Evelyne. *El Renacimiento e el Este* In: VARIOS AUTORES. *Historia de Bizancio*. Barcelona: Critica. 2001. p.150.

¹³ PATLAGEAN, Evelyne. **idem** p.145

¹⁴ NICOLLE, David. *Romano-Byzantine Armies 4th-9th Centuries*. Londres: Osprey. 1992. pp.22-23.

¹⁵ Para mais informações sobre o origem e datação desse poemas ver CASTILLO, Miguel. *Poesia Heróica Bizantina: Epopeya de Digenis Akritas, cantares de Armuris y Andronico*. Santiago: Centro de Estudos Neohellenicos e Bizantinos. 1994. pp.17-60.

¹⁶ E serão estas as versões trabalhadas nesse artigo, por sua antiguidade e por suas características mais originais. Estão localizadas em Ver **Digenis Akritas: versão Escorial (E)**.In: CASTILLO, Miguel. *Poesia Heróica Bizantina: Epopeya de Digenis Akritas, cantares de Armuris y Andronico*. Santiago: Centro de Estudos Neohellenicos e Bizantinos. 1994. & **Digenis**

Citando Miguel Castillo Didier, que diz que “*Diyenis es um heroi griego, romeico, bizantino. Pertence a la Romania, el imperio cristiano ortodoxo, que hoy llamamos de bizantino. Verdad que hasta ahora no se han hallado evidencias de la existencia de Diyenis(...). Pero el realismo con que reflejan el marco geografico y el escenario histórico en el poema permite suponer que hay en él un fondo histórico.*¹⁷”

Assim sendo Digenis Akritas, decididamente, é o herói “nacional” bizantino. Os homens vêem nele um exemplo varonil; corajoso e intrépido, um guerreiro perfeito. E as mulheres de Bizâncio sonhavam em ter um romance como era o de Digenis com sua esposa. O herói era, no imaginário dos bizantinos, o modelo do homem perfeito.

Porém o poema é mais significativo se visto no contexto das fronteiras orientais. Então podemos dizer, metaforicamente, que o poema é um “espelho”, talvez um pouco distorcido, de uma sociedade de fronteira, das *clisuras* e seus *akritai*. Das posições culturais e mentais, seus imaginários e crenças, desses homens que viviam longe do cosmopolitismo de Constantinopla, mas não eram menos bizantinos que os habitantes dessa cidade. E vai ser o objetivo desse artigo, através de uma leitura crítica do poema, ver e identificar pelas, “distorções do espelho”, como os habitantes, os homens e mulheres, das fronteiras professavam sua ortodoxia, percebiam seu Império. No seu lado secular, o Império Romano fundado por Augusto, e espiritual, o Império Cristão, o simulacro terreno dos reinos celestes.

De um modo geral, vemos nas versões do poema de Digenis Akritas um sentimento de vitória, de otimismo, sua autoconfiança. As descrições das lições e batalhas vitoriosas contra bandidos e árabes expressam uma idéia de superioridade da cultura e religião bizantina sobre todas as outras. Provavelmente devido à nova fase de reconquistas militares que o Império Bizantino estava empreendendo nos séculos X e XI. E por razão desse clima otimista que permeia todo poema, os sentimentos em relação à *Romania* estão exaltados, o que os tornam mais facilmente identificáveis.

Nesse sentido há alguns episódios do poema que se destacam por seu valor interpretativo: a descrição da conversão do Emir, a defesa que o Emir faz do cristianismo para converter sua mãe, o encontro entre Digenis Akritas com o Imperador e, por fim, a morte do herói.

As conversões expressam claramente a superioridade romana (bizantina) não só quanto a religião como em outros aspectos. Como no caso do Emir, que se converte para casar com a donzela bizantina que mantém em cativeiro. Na versão Grotaferrata (G) o Emir renega o Islã por amor a moça. No entanto, no manuscrito Escorial(E), se observarmos atentamente, vemos que realmente o que deflagra a decisão, dele se converter, foi a sua derrota em combate singular com o irmão da moça. A causa de vergonha a si mesmo e a sua estirpe, e declara suas intenções de se converter, casar com a moça, e passar para *Romania*¹⁸.

Observamos, assim, uma clara idéia de superioridade bizantina. Contudo, nesse episódio, essa ascendência não é relacionada à religião, mas sim a outro valor mais profano: os valores guerreiros.

Pois o Emir da Síria, que se descreve como um homem que pôs “*exércitos em fuga - de persas e romeicos*¹⁹” e capturou inúmeras fortalezas, príncipes e prisioneiros, então como poderia ser derrotado por um garoto que, segundo entende-se no poema, mal entrara na adolescência? A única razão vista no poema é simples, o jovem é romano. Mostrando-nos que, para o poema, até mesmo um guerreiro romano dos mais inexpertos, como Constantino (o irmão gêmeo da donzela), é capaz de derrotar os mais combatidos e mais valorosos guerreiros muçulmanos.

Episódio esse que marca uma característica importante de todo poema: seu caráter laico. Pois o texto celebra a vida e o amor entre Digenis e sua bela esposa, nos idílicos campos e jardins de palácios. Da mesma forma exalta aos valores guerreiros nas lutas e batalhas que permeiam todo o texto. Apontando, para nós, um mundo bem diferente do ascetismo monacal e da rigidez da etiqueta da corte imperial, que influenciam a produção cultural constantinopolitana. Por isso, o ciclo de poemas akríticos, o qual as várias versões das façanhas de Digenis Akritas

Akritas versão Grotaferrata (G). In: HULL, Dennison B. *Digenis Akritas: The Two-Blood Border Lord*. Athens, Ohio: Ohio University Press, 1972..

¹⁷ CASTILLO, Miguel. **Op. cit.** pp.111-2

¹⁸ Ver **Dig. Akr.(E)**, versos 1-177.

¹⁹ **Dig. Akr.(E)**, verso 150.

são seus principais representantes, é visto como uma das poucas formas de espontaneidade na produção cultural bizantina. Essa geralmente muito presa a regras normalísticas e formas pré-estabelecidas.

Apesar do dito caráter laico do poema, a religiosidade de modo algum é esquecida. Entretanto, curiosamente, a Igreja, como instituição, não é citada nenhuma vez no poema. Os padres, os bispos, e até mesmo os monges, tão presentes no mundo rural bizantino, foram olvidados pelo poema.

De qualquer forma os personagens são extremamente religiosos, tanto os cristãos quanto os muçulmanos, uma vez que estão em todo momento dando graças ou citando partes dos livros sagrados (Bíblia e Corão) para exemplificar algo. Contudo alguns casos nos são mais preciosos, pois ilustram a ligação entre a religiosidade e a identidade romana.

Primeiramente vemos a conversão da mãe e da família do Emir. Quando, este já casado, convertido ao cristianismo e vivendo nas propriedades da família de sua esposa, em terras romanas, consequentemente adotando a identidade bizantina, recebe uma carta de sua mãe. Na missiva ela conta como sua vida se tornou difícil desde que seu filho abnegara o Islã. Desde então ela tem sido humilhada e, por isso, ela o chama de volta para salva-la, como também a sua família. Respondendo a seu apelo, o Emir volta as terras árabes (não sem alguma dificuldade, porém elas serão tratadas posteriormente) e convence a sua mãe e sua família a se converterem ao cristianismo e irem com ele para a *Romania*²⁰. Porém esse processo de “catequização” é diferente nas duas versões.

Na Escorial(E), o emir faz uma interessante defesa do cristianismo, ao mesmo tempo em que fala das belezas, terrenas e espirituais, da *Romania*. Ele diz que lá é onde se encontra a verdadeira fé, onde Deus guiou seus olhos pra “Mãe Tão-Cantada”, se referindo a Maria, também é onde se encontram as relíquias, que a cristandade venera profundamente. Concluindo, o Emir termina sua exaltação a *Romania* dizendo que lá é onde se encontra o Paraíso.²¹

Quanto a versão Grotaferrata(G) o discurso do Emir está situado no lado mais espiritual e pragmático da conversão. Ele fala que o bom destino de sua alma na vida eterna depende de seu batismo. Portanto a sua mãe devia fazer o mesmo, se temesse ter sua alma condenada²²

Esse episódio ilustra muito bem a idéia já descrita anteriormente da associação do Reino dos Céus com o Império Bizantino. A imagem sacralizante que as duas versões trabalhadas traçam da *Romania*. O lugar onde se pode encontrar a verdadeira fé, ligando assim a salvação da alma dos personagens com a mudança de fidelidade para o Império.

De um modo geral vemos com as conversões, que a mudança de religião e de identidade social e cultural estavam ligados. Pois na Idade Media, principalmente no mundo cristão, ser parte da religião majoritária era anexo a identidade social, cultural e política do sujeito. Especificamente no mundo bizantino, a conversão acarretava a entrada do indivíduo na sociedade. Nessa direção, o Império tinha uma posição bastante acolhedora em relação aos conversos, principalmente nas forças armadas. No século X, soldados de origem armênia ocuparam altos postos no exército e na marinha do Império. Alguns chegando, até mesmo, ao trono imperial, como no caso de Romano Lecapeno e João Tzimices.

Contudo, havia uma razão prática para essa abertura. O Império, sobretudo em um momento de expansão, necessitava de recursos humanos. Principalmente na Ásia Menor onde o crescimento populacional natural não era o suficiente para ocupar os vários vazios demográficos que existiam no interior. Consequentemente, o governo imperial ciente que, segundo o sistema dos *themas*, a ocupação da terra garantiria sua defesa, criou leis como a que recompensava com descontos nos impostos as famílias que tomassem um árabe como genro²³

Assim entendemos, no poema (versão Escorial), a atitude da família da donzela em relação ao seu genro, quando eles o recebem de braços abertos, com festas e presentes. No entanto, na versão Grotaferrata a receptividade da família é entremeada com reservas e desconfianças. Por exemplo a mãe da moça que, quando descobre que a filha irá casar com o Emir, fica, ao mesmo tempo, contente e receosa, pois o genro era um “pagão” e se pergunta se ele tem “os sentimentos dos nobres romanos”²⁴.

²⁰ Episódio relatado em **Dig. Akr. (E)**, versos 225-565 e **Dig. Akr. (G)**, Canto II-vers.52 – Canto III vers.198

²¹ Ver **Dig. Akr.(E)**, versos 543-564.

²² **Dig. Akr. (G)**, Canto III, vers.132-198.

²³ BREHIER, Louis. **Op. cit.** Pp 325-326.

²⁴ **Dig. Akr. (G)**, Canto II, vers.19-25.

Entretanto o episódio do poema mais significativo no sentido de ilustrar a desconfiança bizantina em relação aos conversos, foi que após o Emir receber a carta, já citada, de sua mãe e decidir ir busca-la em segredo, só avisando para sua esposa. Mas os desígnios do Emir foram revelados aos irmãos por um sonho, porém esse foi mal interpretado. Assim chegam a conclusão de que o Emir está planejando abandonar a irmã deles, voltando para Síria e para o Islamismo.

Assim sendo, surpreendido pela descoberta dos cunhados e achando que sua esposa o delatara, o emir entra em uma profunda tristeza. Interrompida somente com o pedido de desculpa dos irmãos, que contaram sobre o sonho mal-lido. Mas de qualquer forma eles fizeram o Emir jurar que ele voltaria para *Romania* e para sua esposa.²⁵

De um modo geral vemos, nas idéias passadas pelo poema, a posição ambígua dos bizantinos em relação aos convertidos. Porque por um lado uma vez que um indivíduo adota o cristianismo ortodoxo e os costumes e cultura bizantinas, ele entra no que se denomina *Romania*. Por outro lado, na prática, os bizantinos herdaram muito da xenofobia dos gregos e da auto-consciência de superioridade dos romanos. Por isso, os bizantinos tinham a si próprios na mais alta conta, enquanto os outros, para eles, eram bárbaros. Isso é visível no poema quando se sobrevaloriza um homem, um cavalo, um costume, isto é, qualquer coisa de origem *romeica* (i.e. bizantina).

Nesse sentido os conversos, provavelmente, apesar de terem abandonado suas antigas culturas e tradições, mantinham alguns resquícios. Que podia ser um sotaque ao falar o grego, - chamada no poema de “*língua romana*²⁶” - seja em manter antigos hábitos de vestuários ou alimentação. O que já é um motivo de desconfiança e escárnio por parte dos bizantinos “naturais”.

Os motivos que a versão G foi escolhida para esse estudo, além de sua antiguidade, foram por sua riqueza de detalhes e episódios exclusivos. Um deles foi o encontro do herói, Digenis Akritas, com o Imperador Basílio “o Abençoado”²⁷. A priori, nota-se, nesse evento, a desconexão deste com o resto da trama. Fazendo parecer que esse encontro foi escrito somente para legitimar as qualidades sobre-humanas do herói. Pois o Imperador, em campanha nas fronteiras, quer ver Digenis e, ao vê-lo, fica impressionado com a presença e o magnetismo pessoal de Digenis Akritas, o sobre de honrarias, dando-lhe o título de patrício e o direito de governar as fronteiras do Império. Como também devolve a Digenis as propriedades de seu avo materno, que foram confiscadas por razão de uma subversão.

Apesar do simplismo inicial desse trecho, se observarmos mais detalhadamente, veremos alguns pontos bastante significativos quanto a visão que a cultura de fronteira tem em relação ao poder imperial e ao Imperador em si.

De um modo geral, observamos que o Imperador é uma figura distante a esse mundo. No poema ele é citado em duas ocasiões: na entrevista com Digenis Akritas e na carta da mãe do Emir, quando ela o repreme por ter se tornado cristão e passado para o lado da *Romania*. Contando a história do pai desse, que foi cercado pelo exército bizantino e os generais e, falando em nome do Imperador, ofereceram grandes benesses (as mesmas as quais que serão, mais tarde, oferecidas a Digenis Akritas pelo Imperador, como visto acima) se ele baixasse suas armas e passasse para o lado do Império. Porém ele manteve sua fé no Islã e morreu por isso.²⁸

Portanto, a imagem do Imperador surge no poema somente quando se trata de campanhas militares. O que é realista em um contexto do Império Bizantino. Pois até mesmo os habitantes de Constantinopla viam o seu Imperador em pouquíssimas ocasiões. Como em cerimônias religiosas e eventos no hipódromo, porém na maioria do tempo o Imperador, e a sua família, passavam isolados do mundo exterior no Palácio Imperial, cercados por uma legião de eunucos que serviam, além de nas tarefas cortesãs, na poderosa máquina administrativa do Império.

Fora da capital as pessoas o viam menos ainda, isto é, somente nessas campanhas militares descritas no poema. Porém não eram todos os soberanos que manifestavam interesse de comandar particularmente as guerras, assim a maior parte das atividades bélica era chefiada por oficiais designados.

Então podemos deduzir que a maioria da população da *Romania* nascia e morria sem ter nunca visto pessoalmente o Imperador. Por outro lado, a figura do imperador era indiretamente presente na vida cotidiana de

²⁵ Ambos em **Dig. Akr. (E)**. versos 225-474 e **Dig. Akr. (G)**. Canto II. versos .52-300.

²⁶ **Dig. Akr. (G)**. Canto I, ver.115.

²⁷ **Dig. Akr. (G)**. Canto IV. versos .971-1093. (não há uma distinção séria de qual dos Imperadores históricos Basílios o poema se refere).

²⁸ **Dig. Akr. (G)**. Canto II. versos 60-73.

todo Império. Seja no busto do *Basileu* cunhado nas moedas, seja nos representantes do governo imperial, ou mesmo na liturgia eclesiástica.

Todavia, é possível observar, nas várias versões do poema, uma contradição em relação a isso, pois a figura do imperador tem aparições pequenas e inconstantes, como no manuscrito de Grotaferrata, ou inexistentes, como na versão de Escorial. Deduzimos, com isso, que nas fronteiras do Império, o Imperador e seus representantes eram algo distante, mas extremamente respeitados por sua tradição. Essa, inerente, nas bases da tradição romana-bizantina. Como vemos na audiência de Digenis com o Imperador, em que diz algo que seria inconcebível em algum outro contexto senão a fronteira. Por um lado Digenis diz que o Imperador deve ser um filantropo, legislador justo e misericordioso, e protetor da ortodoxia. Por outro, fala que o *Basileu* não deve reinar nem dominar, pois esses não são seus poderes. Ai ele deixa claro que apesar de reconhecer e se prostrar diante do Imperador, o poder nas fronteiras está nas mãos dos *akritai* e de mais ninguém. Nem mesmo do Imperador, a quem os *akritai* devem prestar homenagem mas não dividir seu poder sob os *akras*.

Obviamente esse ideal expresso no poema faz parte da grande idealização de valores inerente ao herói, pois na prática uma atitude como essa seria vista como uma rebelião. Entretanto, vemos nessas idealizações uma realidade, a semi-independência dos *akritai* reais sem que isso interferisse na sua lealdade com o poder imperial. Como também a imagem distante que o Imperador tinha em seus domínios fronteiriços.

A morte de Digenis Akritas é uma conclusão, porém não só uma conclusão da vida do herói, como também a conclusão das idéias e valores passada por toda a epopéia. Porém a versão em que a morte do herói nos é mais significativa é a de Escorial.

Pois ali em seu leito de morte Digenis dedica a maior parte de suas últimas palavras aos seus 300 homens, que “*guardiões os tinha – nos passos montanhosos / e de bárbaras nações – cuidavam da Romania*²⁹”. E faz uma retrospecção dos episódios passados com eles, para depois dividir sua herança e recomendar que eles não sirvam a mais ninguém depois dele. Porque nunca haverá no mundo alguém igual a Digenis Akritas.³⁰

Isso sintetiza a principal função existencial do herói, que, atrás das conquistas amorosas, façanhas guerreiras, auto-exaltação está o caráter real e simples de Digenis Akritas: o papel de defensor das fronteiras bizantinas, do Império em si.

Nesse sentido vemos a visão que a epopéia tem da *Romania*, que é claramente idealizada. Ela é a razão para grandes lutas, abandonos de famílias e fidelidades, ameaças. Pois a *Romania* é a fé verdadeira e a salvação da alma, como também é o paraíso terrestre onde cantam os rouxinóis e as árvores dão belos frutos. Enquanto no outro lado das fronteiras está a terra dos infiéis, lugar de incertezas tanto espirituais quanto temporais. É onde nobres romanos são mantidos cativos e as palavras de Maomé se sobreponem as de Cristo.

Assim sendo, observamos que o conceito de romanidade mostrado no início desse estudo, mais centrado na visão de mundo da capital e na figura imperial, que aparece como elemento agregador da herança romana, da cultura helênica e da religião cristã-ortodoxa. Vemos que essa romanidade das fronteiras bizantinas, apresentadas pelos poemas de Digenis Akritas, não era percebida pela figura imperial no seu centro, mas sim pela *Romania* em si, a terra sagrada dos romanos. E Digenis Akritas é o fruto bendito dela, representando sua beleza, valor e religiosidade.

Fontes

Digenis Akritas: versão Escorial (E). In: CASTILLO, Miguel. *Poesia Herólica Bizantina: Epopeya de Digenis Akritas, cantares de Armuris y Andronico*. Santiago: Centro de Estudos Neohelenicos e Bizantinos. 1994.

Digenis Akritas versão Grotaferrata (G). In: HULL, Dennison B. *Digenis Akritas: The Two-Blood Border Lord*. Athens, Ohio: Ohio University Press, 1972..

Referências bibliográficas

²⁹ **Dig. Akr. (E).** versos 1691-2

³⁰ **Dig. Akr. (E).** versos 1695-1764.

BREHIER. Louis. *El mundo Bizantino: Las Instituciones del Imperio Bizantino*. Mexico: Ed. Hispanoamericana

VARIOS AUTORES. *Historia de Bizancio*. Barcelona: Crítica. 2001.

MCCORNICK, Michael. *O Imperador*. In:CAVALLO, Guglielmo(organizador). *O Homem Bizantino*. Lisboa: Alianza Editorial, 1998.

MARIN e HERRERA, José e Héctor. *El Império Bizantino: Introducción Histórica y Selección de Documentos*. Santiago: LOM, 1998

DIEHL, Charles. *Grandes problemas da história bizantina*. São Paulo: Ed. das Américas, 1961

NICOLLE, David. *Romano-Byzantine Armies 4th-9th Centuries*. Londres: Osprey. 1992